

PSICOLOGIAS SOCIAIS RESPONSIVAS PARA COM ANIMAIS

*RESPONSIVE SOCIAL PSYCHOLOGIES TO ANIMALS***Dolores Galindo***; **Danielle Milioli****; **Ricardo Mélo****** **Universidade Federal de Mato Grosso**; ** **Universidade Estadual Paulista**; *** **Universidade Federal do Ceará**; dolorescristinagomesgalindo@gmail.com

Resumo

Palavras-chave

Psicologias Sociais
Responsivas
Etologia
Vinciane Despret
Teoria Ator-Rede

Neste ensaio, abordamos algumas pistas para pesquisas que se movam na interface entre Psicologia Social e Etologia, discutindo relações responsivas com animais, com base nas contribuições de Vinciane Despret. Argumentamos que a Etologia, ao ficar apartada das correntes críticas da Psicologia Social, na América Latina, após a crise da década de 1970, mostra-se um campo para o diálogo fértil com psicólogos sociais não evolucionistas que se interessam pelo estudo de agenciamentos não restritos ao humano. Que práticas podemos trazer da Etologia para as Psicologias Sociais e vice-versa? Quais histórias derivarão do (re)encontro entre os estudos em Psicologia Social com animais não humanos? A partir dessas questões, concluímos que não é mais possível, nos dias atuais, que as práticas das psicologias sociais se definam sem consideração de liames “ecológicos” para os quais as Etologias têm a contribuir, como potentes saberes que nos levam além de uma definição de social fundada exclusivamente no humano.

Abstract

Keywords

Responsive Social
Psychologies
Ethology
Vinciane Despret
Actor Network Theory

In this essay we approach some clues of research that move at the interface between Social Psychology and Ethology, discussing responsive relationships with animals from the contributions of Vinciane Despret. We argue that to be apart of the emerging social psychology of aspects critical in Latin America after the 1970s crisis, ethology has become not to evolutionary social psychologists interested in the study of the agency not restricted to human. What practices can bring the Ethology for Social Psychologies? Which derive stories (re)encounter between the animal studies in this field translated and placed under other questions by the Social Psychologies? From a body in movement, employed as psychosocial research method, we have testimony of production which is beyond survival through pairing elements and paired opposites that lead the body to resistance limits, the limits of the human borders.

Galindo, Dolores; Milioli, Danielle & Mélo Ricardo (2016). Psicologias sociais responsivas para com animais. *Athenea Digital*, 16(2), 373-388. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1845>

Introdução

Este ensaio problematiza as relações entre Psicologias Sociais e Etologias, com o intuito de colaborar com pesquisas que se movam nesses terrenos. Para tanto, discutimos relações responsivas com animais, a partir de diálogos com o trabalho da psicóloga, filósofa e etóloga belga Vinciane Despret. Como ressalta Ronald Arendt (2011a), em função de suas investigações contemporâneas nos campos da Etologia e de suas pesquisas com animais, Vinciane Despret vem produzindo questionamentos acerca do núcleo mesmo do que entendemos por Psicologia, ampliando a noção de sujeito e subjetivação não a restringindo ao humano.

Na chamada “crise da Psicologia Social brasileira”, datada de 1970, que questionou os pressupostos universalistas a respeito da noção de humano até então norteadores das práticas *psi*, na América Latina, restituindo os contextos locais e situados da sua emergência e efeitos, a Etologia terminou por ser alocada como fora do escopo do projeto de reconstrução crítica do campo disciplinar. Em decorrência, os espaços de pesquisas etológicas ficaram concentrados nos departamentos de Psicologias Experimentais, com um tênue contato com as Psicologias Sociais.

Nessa partição entre Psicologias Sociais e Etologias, os animais não humanos ficaram confinados, aparentemente, às perguntas que lhes foram dirigidas por psicólogos experimentais, sobretudo evolucionistas ou comportamentais, e se distanciaram dos psicólogos sociais, os quais se interessam pelo estudo da agência não restrita ao humano. Subtrair os animais das pesquisas em psicologia vem limitando suas possibilidades de ampliação e atuação, na contemporaneidade.

Se mobilizarmos outros olhares à Etologia brasileira, observamos que essa, em algumas das suas derivas, foge ao escopo evolucionista (e mecanicista), como, por exemplo, no belo trabalho de César Ades, intitulado *Os morcegos, outros bichos e a questão da consciência animal* (1997). Nesse e em outros trabalhos do autor, a discussão gira em torno de preocupações a propósito do que fazem os animais, de interrogações sobre subjetivação e não sobre classificações que remetem a identitarismos, voltando-se às práticas que se abstêm dos pressupostos modernos baseados nos divisores entre natureza e cultura, entre humanos e não humanos (Latour, 2005/2012).

Numa proposta de pensar o cotidiano como interesse de pesquisa em Psicologia Social, Mary Jane Spink (2014) situa os estudos etológicos, que focam as microanálises do comportamento interativo na década de 1970, iniciados no Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo – USP, como uma área limítrofe à Psicologia Social cujas contribuições são expressivas à pesquisa inicial na área apesar de não integrarem as pesquisas recentes na Psicologia Social em sentido estrito. Entendemos que os estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (*Science Studies*) trazem aportes significativos para potencializar encontros entre as pesquisas psicossociais e etológicas.

Nos diálogos com os *Science Studies* e com as epistemologias feministas, estudos cada vez mais presentes nas Ciências Humanas, com seus debates e pesquisas em torno da chamada *virada animal* ou *estudos animais*, como bem observa Stelio Marras (2014), temos uma “oportunidade de rever como se processa todo tipo de trânsito e constituição das ontologias, dos seres e entes no mundo. Se é assim com os objetos técnicos [...], como não o seria quanto à relação entre animais e humanos?” (p. 3). Nessa

seara se inscrevem os estudos sobre animais não humanos que retornam à cena das pesquisas, descentrando-nos da agência humana como via de mão única para as pesquisas que se voltam às redes heterogêneas de associações e ontologias variáveis.

O movimento que vem sendo nomeado como virada animal corresponde tanto a uma valorização das pesquisas sobre e com animais que estariam apartados dos estudos caracterizados como sociais (na literatura, nas ciências sociais, na antropologia etc.), quanto a uma redistribuição das divisas ontológicas que conduzem a uma supremacia do humano sobre os demais seres ou, ainda, à vulgata chamada a consideração homogênea dos não humanos, como se de um todo se tratasse. Nas Psicologias Sociais, tal movimento é bastante tímido e seria temerário falar propriamente em uma virada. Contudo, estamos vendo avançar esse movimento, especialmente diante de catástrofes ambientais, as quais tornam cada vez mais difícil sustentar versões antropocêntricas do mundo, diante das “intrusões” de Gaia que provocam deslocamentos inúmeros em nossas vidas.

Rever a constituição da ontologia do que definimos como *socius* nos leva a gaguejar na própria língua, a hesitar nas pressuposições que separam humanos e animais definidos como entidades substancializadas. Aliás, a defesa de uma separação apriorística entre humanos e não humanos tem sido a postura dos “modernos” que, como, exaustivamente, discutiu Bruno Latour, em *Jamais Fomos Modernos* (1991/1994). Para escapar às partições modernas é necessário atentar tanto às purificações que separam humanos de não humanos quanto aos processos que atenuam as fronteiras entre ambos. Conforme nos lembra Ronald Arendt (2011b), não é interessante distinguir substâncias e processos na pesquisa em Psicologia Social, bifurcando e apartando psicologias que seriam substancialistas das psicologias que seriam processuais.

Psicologias Sociais e Etologias: encontros potentes

A Etologia, em linhas gerais, pode ser descrita como ciência que estuda o comportamento de animais. O termo foi criado pelo francês Geoffrey Saint-Hilaire, em 1851, mas foi a teoria da evolução de Darwin, publicada em 1859, que deu possibilidade para que a Etologia adquirisse o *status* de ciência. Na década de 1930, Konrad Lorenz efetivou os estudos científicos, com métodos de observação e predição de comportamento. Lorenz, Nikolas Tinbergen e Karl Ritter von Frisch ganharam o Prêmio Nobel, em 1973, especialmente pelos estudos do comportamento social dos animais (Ferreira, 2015). Se observarmos a origem etimológica da palavra Etologia, veremos que não haveria motivo para separar estudos sobre humanos de não humanos, de modo tão radi-

cal, como observações na Psicologia brasileira: Etologia (do grego: ἦθος *ethos*, “costume” “hábito” ou “costumeiro” e λογία-*logia*, “estudo”).

Sugerimos que, para tocar no tema das relações com animais não humanos, na investigação em Psicologias Sociais, é importante estarmos atentos às pesquisas etológicas, formulando perguntas que retirem os animais não humanos do enclausuramento de narrativas evolucionistas. Fazer isso é pouco comum, já que as chamadas vertentes críticas das Psicologias Sociais, por se centrarem somente nos humanos, possuem histórias paralelas e com poucas conexões explícitas às Etologias. Ferreira (2002, p. 105) esclarece:

Daí, cabe saber: a quem fala a Psicologia? Sobre o que fala a Psicologia? Esta dupla pergunta, em nada ingênua, remete a uma mesma resposta: todas as Psicologias visam falar do humano, em sua relação com o mundo (os animais, quando abordados pela Psicologia só o são em comparação com os seres humanos, de modo muito diferente da etologia).

As Psicologias Sociais brasileiras, em suas vertentes processuais, podem ampliar os estudos com animais e rever os modos como abordam as relações entre humanos e outros animais, rejeitando posicionamentos os quais aloquem os animais num estatuto subtrativo em relação aos primeiros ou a um platô de humanização (p. ex.: animais são considerados “inteligentes” se, de algum modo, têm “raciocínios” e atitudes próximas da humana). Vinciane Despret parece-nos ser uma das poucas psicólogas, na atualidade, que pode ajudar a nos desviarmos de armadilhas antropocentristas (Milioli & Galindo, 2015), ao mesmo tempo em que colabora para entendermos a cisão que ocorreu e ainda ocorre entre Etologias e Psicologias Sociais, no Brasil.

As Psicologias Sociais não evolucionistas podem se dedicar, como parte do seu trabalho, às pesquisas, sem que para isso abram mão da potência crítica que as caracteriza. Tais Psicologias se mostram atentas aos momentos de castástrofes que vivemos, quando a figura do humano como centro de todas as ações já não se sustenta. Catástrofes, como as ambientais, por exemplo, apontam cada vez mais para processos de co- atuações. Não há como controlar as respostas das naturezas, ou mesmo os seus movimentos, nos diferentes tipos de relações que os humanos estabelecem com elas. Diante dessa situação, é preciso pensar relacionais e actâncias diversas. Actantes podem ser definidos como “coisas, pessoas, instituições que têm agência, isto é, produzem efeitos no mundo e sobre ele. Tal noção não remete a nenhuma entidade fixa, mas a fluxos, circulações, alianças, movimentos” (Moraes, 1998, p. 51).

A subordinação de animais aos propósitos antropocêntricos, ainda que sob viés da defesa dos animais ou propósitos humanistas, apenas se torna viável quando humanos

são considerados os únicos atores atuando, ou seja, quando modos de subjetivação passam a ser prerrogativas do humano. Donna Haraway, em entrevista a Sandra Azeredo, comenta:

De acordo com o que penso nem a agência nem a subjetividade é uma prerrogativa humana; e com Butler, Barad e outra/os, enfatizo que a “subjetividade” não é algo que podemos “ter” ou não. Nem o “agenciamento”, quer figurado em termos humanistas ou não. A “interioridade” não é um lugar; a interioridade é fabulada especulativamente através de intra-ações. (Haraway & Azeredo, 2011, p. 404)

Nessa linha de discussão, os animais não atuam “como” sujeitos ou “adquirem” subjetividade. O que acontece é que a categoria “subjetividade” é alargada, ao ponto de só ser possível a existência de subjetivações como efeitos dos encontros (Barad, 2005; Mol, 2008). O que vimos argumentando tem a ver com uma perspectiva não antropomórfica (que assimila animais não humanos a humanos) e não antropocêntrica (que coloca os animais humanos no centro da ação), pois atenta às diferenças, inclusive, às diferenças inconciliáveis e suas condições de emergência. Um questionamento da “arrogância do excepcionalismo humano que reserva as realizações e subserviências da subjetividade à Humanidade e seu simbólico” (Haraway & Azeredo, 2011, p. 406), que se estende ainda aos regimes de legitimação científica, os quais relegam o contar histórias e as maneiras como as contamos a um estatuto secundário (Despret & Stengers, 2012).¹

Donna Haraway, em seu livro *When Species Meet* (2008), narra diversas histórias sobre o contato com a cadela com quem convive e com quem pratica treinamentos de agilidade. Insatisfeita com a ideia de “animal de companhia”, a autora desenvolve a noção de “espécies companheiras” para falar dos transrelacionamentos entre espécies que refazem parentescos; dos relacionamentos coconstitutivos, nos quais nenhum parceiro preexiste à relação; dos relacionamentos que contam sobre os contatos provisórios entre espécies, contatos que podem ser sempre refeitos como em um jogo de desfazer e refazer, onde vemos e sentimos o outro, onde olhamos o outro nos olhos, onde nos afetamos pelo corpo do outro em movimento, onde nos tornamos humanos “com”. A partir da noção “espécies companheiras”, Donna Haraway mobiliza também outra noção de humano:

“Humano” é uma palavra muito interessante e sou atraída por suas ligações latinas com a terra, com o solo, com o húmus – com a matéria quente em que

¹ Aqui é preciso se fazer justiça a alguns etólogos. Em suas descrições e estudos sobre os comportamentos de animais não humanos, era comum contarem histórias. O austríaco Konrad Lorenz foi um desses personagens que contava histórias de animais que pesquisava, a ponto de reconhecer “certa liberdade poética” em seus escritos (Lorenz, 1992, p. 25).

muitas coisas são gestadas e convivem, o monte de adubo que se torna húmus para fazer florescer outras plantas, animais, micróbios e pessoas. Não sou atraída pelos tons gregos do “homo”, que sugere algo como “o um e o mesmo”, o “autoidêntico” – resumindo, algo como “O próprio Homem” e o Homem que se faz a si mesmo. Provavelmente tenho prazer demais em brincar com etimologias, mas adorei descobrir que os tons latinos de “homo/human” têm ressonância com uma velha palavra proto-indo-europeia, “guma” (plural, guman), que significa alguém que trabalha a terra para a comida; um lavrador, neste sentido. A palavra sugere noivo ou marido (lavrando a terra fêmea), mas as palavras são maleáveis: elas são adubo para associações inesperadas. Guman pode significar terráqueo, terreno, no solo, na lama, pleno de matéria viva e apaixonada, que se materializa nas relações com outros terráqueos, húmus para um mundo mortal mais vivível. Então, se eu pudesse, eu escreveria não “humano”, mas sim “gumano”! Ser “g/humano” deve ser uma prática material de multiespécies, assim como a natureza humana é uma relação de multiespécies, um “tornando-se-com”, não uma coisa em si mesma. Não é marido (husband), mas húmus. (Haraway & Azeredo, 2011, p. 398-399)

As relações entre humanos e não humanos, o “mundo comum”, como o denomina Latour (2001), não está pronto: vai-se compondo com todos seus atores em efeitos de encontros e desencontros. Não estamos continuando nenhum projeto de ciências traçado de antemão, mas estamos na desordem, na heterogeneidade, naquilo que está em “cultivo”, na “semeadura” para usar um termo de Despret (2011c). Ideais de liberdade plena e natureza pura estão em xeque e a domesticação deve se transformar em trocas afetivas/efetivas com os animais, em convívio íntimo que nada tem a ver com a oposição selvagem X doméstico.

Contar histórias dos experimentos, estudos de Vinciane Despret

É possível contar outras histórias sobre os experimentos laboratoriais em Psicologias Sociais diferentes das versões experimentalistas? Para Vinciane Despret, sim. Mas, para tanto, precisaríamos mudar as perguntas: o que acontece, quando as condições experimentais são recolocadas e a responsividade redistribuída?

Vejamos o que ocorreu com o experimento com ratos, conduzido pelo psicólogo Rosenthal, realizado na década de 1960, revisitado por Despret (2008a; 2011a). Rosenthal buscava, nesse experimento, “comprovar” os problemas da “influência” do pesquisador sobre seu “objeto” de pesquisa. Com essa finalidade, solicitou a seus estudantes que repetissem a pesquisa do famoso psicólogo experimental Tryon, com ratos

trancados em labirintos. Rosenthal alertou aos estudantes que o cruzamento entre ratos que se obtinham bom desempenho, no experimento de Tryon, chamados de “ratos brilhantes”, estava produzindo gerações de “ratos brilhantes”. Do mesmo modo, os ratos que tinham desempenho medíocre estavam produzindo “ratos medíocres”.

Rosenthal informou aos estudantes que esperam obter os mesmos resultados de Tryon, por estar utilizando ratos herdeiros daquele primeiro experimento. Na verdade, era uma informação não verdadeira, porque todos os ratos eram animais comuns de laboratório. A pesquisa de Tryon se comprovou, como previa Rosenthal, porque, concluiu o psicólogo, os ratos fizeram apenas o que os estudantes, sobre sua influência, esperavam deles: os ratos comuns tiveram desempenho “brilhante” ou “medíocre”, a partir do momento em que entraram no grupo validado previamente por ele como herdeiros dos brilhantes ou dos medíocres.

Preocupado apenas com eliminar a influência do pesquisador, nas investigações em Psicologia e garantir a objetividade, a predição e o controle, mesmo verificando que alguns ratos considerados normais, antes do experimento, se transformaram em “ratos brilhantes”, Rosenthal se mostrou indiferente às “boas” aprendizagens desses ratos comuns e às aprendizagens de seus estudantes.

Ao visar a demonstrar a influência do que destacava como subjetividade do pesquisador, o que Rosenthal efetua, argumenta Despret (2008a), não são apenas comprovações da interferência de uma pretensa subjetividade atribuída ao pesquisador, mas sim uma divisão entre realidade do mundo e realidade do sujeito, e que os ratos em suas relações com os estudantes permanecem silenciosos numa zona que é “indecidível”:

Ao fazer observações sobre seu experimento argumentou que os ratos brilhantes ou medíocres não eram brilhantes ou medíocres “na realidade”, mas eram produzidos com tais propriedades em uma “pseudo-realidade”, o campo irreal de subprodutos de crenças, expectativas e ilusões. Assim, Rosenthal dividiu a realidade e distinguiu entre o que foi real e o que foi feito da influência, dos interesses, dos afetos: de um lado, a Realidade em si, a compilação de informações obtida por cientistas entusiastas (e “automatizados”); de outro, a subjetividade, interpretação, expectativas, ilusões. (Despret, 2008a, p. 241, tradução nossa)

Rosenthal, enfatiza Despret (2008a), distingue “realidade do mundo” (os ratos que deveriam estar lá e os estudantes que estavam lá) e “realidade do sujeito” (subjetividade dos estudantes e pesquisador) e ainda coloca tudo na “realidade do sujeito”: nem os ratos (os ratos brilhantes e medíocres deveriam estar lá, mas não estão) nem os estu-

dantes (eles estão lá, mas iludidos) estão na realidade do mundo. Para resolver esse problema, segundo a autora, é preciso rever a questão da divisão entre as realidades, voltando-se para as respostas dos ratos.

Como os resultados do experimento foram obtidos pelos estudantes? Como ratos comuns de laboratório se transformaram em ratos brilhantes? Para Despret (2008a), Rosenthal não apenas “influenciou” seus estudantes a serem “bons experimentadores”, mas possibilitou que eles produzissem os ratos brilhantes. Entramos na zona da autoridade. As expectativas, as quais se traduziram em carinho, alimento e incentivo, fizeram com que os estudantes “autorizassem” seus ratos a se tornarem inteligentes – e mais, os ratos autorizaram os estudantes a serem bons experimentadores. Ao definir expectativas em termos de “quem autoriza”, é possível constituir a cena do experimento com outra configuração, ainda que os participantes aparentem ser os mesmos.

Interessante observar que, mesmo quando os estudantes descobrem o objetivo do experimento, continuam acreditando na capacidade de seus ratos, o que produz um paradoxo entre confiar em seus ratos ou em seu professor:

Como poderiam confiar em seus ratos e em seu professor de forma simultânea se a ciência se define como um processo de revelação de uma realidade já existente, ao invés da criação de uma realidade em processo? Como poderiam acreditar em ambos ao mesmo tempo? (Despret, 2008a, p. 244, tradução nossa).

Despret (2008a) sugere resolver o paradoxo, propondo que tudo o que aconteceu foi uma questão de confiança: Rosenthal confiou nos estudantes (ele não conseguiria planejar o experimento, se não confiasse que seus estudantes atenderiam a suas expectativas), que, por sua vez, confiaram no professor, de modo que o experimento foi bem-sucedido. Em outras palavras, o experimento se mostrou uma prática na qual animais humanos e animais não humanos constroem uma maneira nova de vir-a-ser, num processo que Vinciane Despret (2008a) nomeia como “antropo-zoo-gênese”:

Uma prática que constrói o animal e os humanos. O rato propõe ao estudante, ao mesmo tempo em que este propõe ao rato uma maneira nova de vir a ser conjuntamente, resultando em novas identidades; por um lado, os ratos dão aos estudantes a oportunidade de serem “bons experimentadores” e, por outro, os estudantes proporcionam aos ratos a oportunidade de adicionar significados novos ao que implica “estar-com-um-humano”, em última análise, uma oportunidade de se revelar novas maneiras de estar um com o outro (Despret, 2008a, pp. 245-246, tradução nossa).

Outra pesquisa interessante de ser analisada foi desenvolvida na década de 1970 pelo psicólogo canadense Bruce Alexander, contrapondo-se a experimentos que ainda circulam nos dias atuais, os quais usam ratos para “provar” que uma droga “vicia” e é letal. Podemos ver esse tipo de experimento em uma propaganda do movimento *Drug-Free America* (Video Disorder, 2011). Trata-se de um experimento simples:

Coloca-se um rato em uma gaiola, sozinho, com duas garrafas de água; em uma delas há apenas água e em outra a água é misturada com heroína ou cocaína. Quase toda vez que você executar este experimento, o rato vai tornar-se obcecado pela água com droga e vai continuar voltando para tomar mais e mais, até que ele morre (se mata). (Hari, 2015, parágrafo 6, tradução nossa)

Alexander, ao invés de desenvolver o experimento em uma gaiola restrita com um único rato, construiu uma espécie de parque de diversões, onde colocou vários ratos e lhes ofereceu as mesmas substâncias das garrafas do experimento narrado acima:

No Rato-Parque, todos os ratos, obviamente, beberam o líquido das duas garrafas de água, porque não sabiam o que continha em cada uma. Mas o que aconteceu a seguir foi surpreendente. Os ratos com uma boa vida não gostaram da “água drogada”. A maioria deles a evitava. Alguns ratos isolados consumiram menos de um quarto das drogas. Nenhum deles morreu. Enquanto alguns ratos que estavam sozinhos e infelizes tornaram-se utilizadores pesados, nenhum dos ratos que tinham um ambiente feliz fez isso. (Hari, 2015, parágrafo 9, tradução nossa)

Nesse caso, os ratos nos ensinam que o problema da compulsão à droga está menos na química e mais no efeito dos encontros que certa situação nos proporciona, ou que ligações, conexões, certa rede nos permite viver e agregar. E, no experimento acima, não humanos (animais, objetos e drogas) são mobilizados em certo curso de ações. Os atores se hibridizam na ação, estabelecendo certos laços que nos autorizam a afirmar que não só os animais podem ser espécies companheiras (Galindo, Milioli & Mélló, 2013).

Voltando aos animais, percebemos que constroem, significam as experiências das quais fazem parte certamente sem o cabedal cultural humano e, por isso, não podem ser alcançadas por meio de analogias simples. A partir das versões construídas nessa teia pesquisador-estudantes-rato ou ratos-objetos-pesquisador, não temos mais certa essencialidade “do que é” um animal, mas sim o que um animal “se torna”, na “resposta” à maneira como é questionado: temos situações cocriativas de conhecimento, que produzem oportunidades para práticas em relações entre seres responsivos (Despret, 2010).

Segundo Despret (2013), para alguns animais, o ato de realizar bem certas questões consideradas difíceis pelos humanos é uma recompensa em si mesmo. A autora comenta que pesquisas recentes com chimpanzés mostram que esses animais são capazes de resolver problemas apresentados pelos pesquisadores sem recompensas alimentares, desde que esses pesquisadores ofereçam eventos suficientemente “interessantes” para os chimpanzés. Essas investigações sugerem que o condicionamento é um modelo insuficiente para explicar o comportamento animal e que recompensas alimentares são modos de se relacionar com animais que os reduzem a necessidades primárias, dificultando a torná-los atores diferentes em nossas pesquisas, admitindo que eles podem estar “interessados” em outras coisas, como “relações sociais” ou “prazer”.

Psicologias Sociais Responsivas para com animais

Isolar-se das Etologias, para as psicologias sociais brasileiras da década de 1970, era um movimento de diferenciação da chamada “Psicologia Experimental”, do laboratório, das comparações entre humanos e animais que impossibilitavam a singularização dos primeiros. Os psicólogos sociais argumentavam que os sujeitos de pesquisa não são receptores passivos (como os animais) de estímulos experimentais, eles significam ativamente a situação experimental e, ainda, que algumas hipóteses eram confirmadas em função de um consentimento dos sujeitos, de seus interesses de validar/valorizar a ciência. Estes são questionamentos importantes, porém, não problematizam a participação dos animais e, além disso, ampliam a dicotomia humano-animal.

Quando Despret (2008a, 2011a) volta aos experimentos clássicos das Psicologias, mostra-nos que, se “boas” perguntas forem feitas aos animais, outros caminhos para pesquisas com eles podem ser percorridos, suas aprendizagens podem ser reformuladas e os animais podem também ser retirados do estatuto de passividade e mesmo da reatividade.

“Boas perguntas” são aquelas que investem no interesse (inter-esse), ou seja, que mobilizam respostas articuladas tanto às questões de pesquisa quanto às práticas dos entrevistados (Despret, 2008b). Nesse sentido, os dispositivos experimentais, aquilo que utilizamos para fazer falar nossos objetos/sujeitos de pesquisa, são muito importantes e precisam produzir recalcitrância, isto é, resistência às respostas esperadas e não complacência/controlado (docilização). É uma postura de pesquisa na qual os participantes são convidados a questionar os próprios dispositivos (observações, perguntas), criando disponibilidade e não docilidade (Despret, 2011a), múltiplas afetações, conforme a leitura que faz Márcia Moraes (2008, p. 44) da autora:

Conforme Despret (2004) [2004b] um processo de afetação recíproco que algumas versões da história da psicologia experimental quiseram esquecer. [...] Nas palavras de Despret (2004) [2004b] “uma das formas de resistir a um aparato é levar o experimentador a transformar suas questões em novas questões de tal modo que elas sejam as questões apropriadas de se fazer para aquele indivíduo em particular” (p. 124). Desse modo, o dispositivo de conhecimento é um processo simétrico de transformação recíproca, do pesquisador e do pesquisado. O conhecer é, neste sentido, um processo de afetação recíproca.

Despret (2008a; 2008b; 2010; 2011a, 2011b) acompanha procedimentos experimentais laboratoriais que se desdobram em estudos do comportamento animal, práticas de criadores de animais, as quais se estendem a estudos relacionados ao bem-estar animal, treinadores, naturalistas, entre outros. Nas diferentes práticas de pesquisas com animais, Vinciane Despret investiga em que medida aquilo que os humanos observam nos animais pode se constituir como uma resposta desses animais às perguntas que lhes são feitas. Em outras palavras, poderíamos indagar em que medida interagimos com os animais não humanos.

Lembramo-nos aqui de um breve relato de Jacques Derrida (1930/2002), em uma suposta situação de se estar nu diante de um gato: “O homem seria o único a inventar-se uma vestimenta para esconder o seu sexo. [...] O animal estaria *na* nudez porque nu, e o homem *na* nudez precisamente lá onde ele não está mais nu” (p. 18). Assim, a nossa interação pressupõe sempre uma certa ordenação cultural e a espera de “respostas”, mas o que quer dizer a um animal não humano “responder” (a nossa ordenação cultural)? Aos animais que de algum modo nos “respondem” (quer dizer: que atendem a nossa ordenação cultural), chamamos de domesticados. Mas, quem é o animal domesticado dessa relação? Há animal mais domesticado do que o ser humano, com seu desejo de tudo ordenar?

Ao questionarmos posições tradicionais a favor de “relações responsivas”, teremos novas versões do que o *outro* (nesse caso, um animal não humano) pode fazer nas interações: apontam que o outro que interrogamos pode fazer existir coisas não previstas por nós e, também, nos colocam o desafio de trabalhar com um *outro* que se comunica por meio de códigos linguísticos (ordenações culturais) diferentes dos que criamos. Essa postura muda muito a interação com animais não humanos, porque estes deixam de ser meros “respondentes”, ou seja, deixam de ser apenas considerados como reagindo aos nossos estímulos e passam a ser considerados como inventivos.

Quando comenta o trabalho da bióloga Eileen Crist, Vinciane Despret distingue, com clareza, resposta e reação:

A diferença entre a resposta e a reação não é simplesmente uma questão de linguagem: essa estrutura a forma como vemos os animais como seres reagindo passivamente - impulsionado por instintos, motivações, regras evolutivas ou genes - ou como seres ativos que inventam sua própria vida, criam, dão significados aos acontecimentos, antecipam, e eu acrescentaria, que coinventam a prática do conhecimento sobre si mesmo. (Despret, 2010, p. 15, tradução nossa).

O conceito de comportamento é largamente utilizado pela Psicologia brasileira, sob os auspícios do chamado behaviorismo radical (Andery, 2010), e, pode ser entendido como ação de um organismo em interação com o ambiente (Matos, 2001). Então, animais humanos e não humanos se comportam, ou seja, interagem “com o ambiente”, que também é chamado por alguns de “contexto”. Portanto, é compreensiva a separação da psicologia social crítica de estudos e pesquisas com animais não humanos, tendo essa cisão criado antipatia da ambos os lados: psicólogos sociais, estudiosos de humanos, de um lado, e analistas experimentais do comportamento (AEC) que se dedicam aos estudos de animais, de outro. E, mesmo quando as Psicologias Sociais tinham como fundamento a A.E.C., especialmente vertentes norte-americanas, igualmente não se dedicaram ao comportamento de animais, por considerarem que a psicologia social seria “um ramo da psicologia” que se radica “no interesse pelos seres humanos individuais” (Aronson, Wilson, & Akert, 2002, p. 5). O pressuposto seria que animais não humanos não seriam passíveis de troca social, apesar de interagirem.

Ao pensarmos sobre responsividade, o que se coloca são os modos de relação com animais, que, por sua vez, remetem a aspectos sobre o que/quem admitimos como capazes de trocas sociais e sob quais condições, problematizações que nos levam à dimensão artefactual, considerando animais não humanos como parceiros de pesquisas em Psicologia Social. Tanto Vinciane Despret quanto Donna Haraway valorizam trabalhos de pesquisa com animais, apostando num contato direto: Haraway (2003; 2008) corre nos treinamentos de agilidade com Cayenne; Despret (2008b; 2010) observa pássaros e observadores de pássaros, vai a fazendas estar com animais.

O que está em pauta para essas Psicologias Sociais Responsivas para com animais são graus, limiares de liberdade, os quais, ao contrário de binarismos simplistas, podem e devem ser indagados, se queremos Psicologias Sociais *com* animais que sejam menos desiguais e assimétricas, que nos conduzam a questionar a “natureza” e sua conotação como algo estável.

Considerações

Sugerimos que Psicologias Sociais de cunho distinto das vertentes evolucionistas podem se abrir àquilo que Despret (2008a) chama de “disponibilidade”, que não se atrela a um aspecto moral, como a doação ao outro em uma espécie de dever altruísta que anteciparia a relação entre humanos e animais não humanos às regras e princípios que colocariam os humanos em um patamar superior. Isso seria algo como “estou disponível a você, desde que fale minha língua”.

Tal problematização nos ajuda a assumir que vivemos em tempo de catástrofes, nas quais já não é possível pensar psicologias sociais que definam sem consideração de liames ecológicos, sob a égide ético-estética de uma ecosofia (Guattari, 1989/1990), para os quais as Etologias têm a contribuir como potentes saberes que nos levam além de uma definição de social fundada no humano. Não basta a simples constatação de que devemos considerar não humanos, em nossas pesquisas, como se se tratasse de um todo homogêneo. Trata-se de ir para além da busca de um paraíso perdido ou, como afirma Rolnik, “não se trata do folclore arcaizante de grupos de bondosos amantes da “natureza”, nem de uma nova especialidade e seus diplomados” (Rolnik, 1990, p. 1). De acordo com Guattari, trata-se de uma perspectiva ético-política que:

Atravessa as questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres legados por um urbanismo que se queria moderno, de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a da produção de existência a-humana em novos contextos históricos. A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc. (Guattari, 1989/1990, p. 14)

Precisamos aprender como nos relacionar com animais como parte do nosso *socius*, deixando-nos afetar pelas questões que trazem, abrindo-nos a colocar-lhes questões. Esse movimento conduz a uma desaceleração no fazer ciência, já que novas conexões requerem tempo; ensejam também um cultivo das divergências (Stengers, 2008/2015), na medida em quem nenhum júdice definirá de antemão a potência das conexões entre Etologias e Psicologias Sociais responsivas aos animais não humanos – lições que aprendemos com Vinciane Despret.

Referências

- Ades, César (1997). O morcego, outros bichos e a questão da consciência animal. *Psicologia USP*, 8(2), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641997000200007>

- Anderly, Maria Amalia Pie Abib (2010). Métodos de pesquisa em análise do comportamento. *Psicologia USP*, 21(2), 313-342.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642010000200006>
- Arendt, Ronald João Jacques (2011a). Resenha do livro: “Penser comme un rat”. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6(2), 338-343.
- Arendt, Ronald João Jacques (2011b). A pesquisa em psicologia social: substantiva e processual. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6(2), 182-186.
- Aronson, Elliot; Wilson, Timothy D. & Akert, Robin M. (2002). *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Ed. LTC.
- Barad, Karen (2005). Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. In Stacy Alamo & Susan Hekman (Orgs.), *Material Feminisms* (pp. 120-254). Bloomington: Indiana University Press.
- Derrida, Jacques. (1930/2002). *O animal que logo sou*. (Fábio Landa, trad.). São Paulo: Editora UNESP.
- Despret, Vinciane (2008a). El Cuerpo de Nuestros Desvelos. Figuras de la antro-zoo-génesis. In Tomás Sánchez-Criado (Org.), *Tecnogénesis: la construcción técnica de las ecologías humanas*. (pp. 229-261). Madrid: Antropólogos Americanos.
- Despret, Vinciane (2008b). The Becomings of Subjectivity in Animal Worlds. *Subjectivity*, 23, 123-139. <http://dx.doi.org/10.1057/sub.2008.15>
- Despret, Vinciane (2010). *Ethology between Empathy, Standpoint and Perspectivism: the case of the Arabian babblers*. Recuperado em 12 julho, 2013 de <http://www.vincianedespret.be/2010/04/ethology-between-empathy-standpoint-and-perspectivism-the-case-of-the-arabian-babblers/>
- Despret, Vinciane (2011a). Os Dispositivos Experimentais. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(1), 43-58. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922011000100004>
- Despret, Vinciane (2011b). O que as Ciências da Etologia e da Primatologia nos Ensinam sobre as Práticas Científicas? *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(1), 59-72. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922011000100005>
- Despret, Vinciane (2011c). *Experimentar a Disseminação*, En Colóquio As Ciências das Emoções e a Clínica na Contemporaneidade. Rio de Janeiro, abril 2011.
- Despret, Vinciane (2013, 17 de outubro). Il s'agit vraiment d'agir ensemble. *Le Monde*, pp. 1-3.
- Despret, Vinciane & Stengers, Isabelle (2012). *Les faiseuses d'histoires: Que font les femmes à la pensée?* Paris: La Découverte: Les Empêcheurs de penser en rond parution.
- Ferreira, Arthur Arruda Leal (2002). As Modernidades Cindidas: um Estudo sobre as Condições de Surgimento do Campo Psicológico Multiplicidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(1), 103-119.
- Ferreira, Arthur Arruda Leal (2015). *Lorenz's human ethology: Between the search for a human singularity and the prophecy of the apocalypse* (no prelo).
- Galindo, Dolores; Milioli, Danielle & Mélo, Ricardo Pimentel (2013). Dançando com Grãos de Soja, Espécies Companheiras na deriva Pós-Construcionista.

- Psicologia e Sociedade*, 1(25), 48-57. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822013000100007>
- Guattari, Félix (1989/1990). *As três ecologias*. (Maria Cristina F. Bittencourt, trad.). Campinas: Papirus.
- Haraway, Donna (2003). *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press.
- Haraway, Donna (2008). *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Haraway, Donna & Azerêdo, Sandra (2011). Companhias Multiespécies nas Naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo. In Maria Esther Maciel (Org.), *Pensar/escrever o animal – ensaios de zoopoética e biopolítica*. (pp. 389-417). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Hari, Johann (2015, 22 de janeiro). The likely cause of addiction has been discovered, and it is not what you think. *The Huffpost*, Recuperado de http://www.huffingtonpost.com/johann-hari/the-real-cause-of-addicti_b_6506936.html
- Latour, Bruno (1991/1994). *Jamais Fomos Moderno: ensaio de antropologia simétrica*. (Carlo Irineu da Costa, trad). Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Latour, Bruno (2001). A Ecologia Política sem a Natureza. *Projeto História*, 23, 31-44.
- Latour, Bruno (2005/2012). *Reagregando o social: uma introdução a teoria do ator-rede*. Salvador (BA): UFBA; Bauru (SP): EDUSC.
- Lorenz, Konrad (1992). *A agressão: uma história natural do mal*. (Isabel Tamen, trad.). Lisboa: Relógio D'Água.
- Marras, Stelio (2014). Virada animal, virada humana: outro pacto. *Scientiae Studia*, 12(2), 1-25. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662014000200002>
- Matos, Maria Amélia (2001). Com o quê o behaviorista radical trabalha? In Roberto Alves Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 1. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista* (pp. 49-56). Santo André: ESETec.
- Milioli, Danielle & Galindo, Dolores (2015). Subjetivações Selvagens: Devires Insetos para Dançar nas Fendas Imperceptíveis e Atravessar Fronteiras. In, Alice Casanova dos Reis, Aline Reis Calvo Hernandez, Dolores Galindo, Jaqueline Tittoni, Lavínia lopes Salomão Magiolino... Rodrigo Lages (Orgs.), *Psicologia Social em experimentações: arte, estética e imagens* (pp. 522-542). Florianópolis: ABRAPSO: Edições do Bosque CFH/UFSC.
- Mol, Annemarie (2008). I eat an Apple: On Theorizing Subjectivities. *Subjectivity*, 22, 28-37. <http://dx.doi.org/10.1057/sub.2008.2>
- Moraes, Marcia (1998). Por uma estética da cognição em Latour e Stengers. *Revista Informare*, 4(1), 49-56. Recuperado de <http://www.necso.ufrj.br/MM/A%20Proposito%20da%20Cognicao%20em%20Latour%20e%20Stengers.htm>
- Moraes, Marcia (2008). A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e intervenção em psicologia social: uma oficina de expressão corporal com

jovens deficientes visuais. *Psicologia & Sociedade*, 20(Edição Especial), 41-49.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000400007>

Rolnik, Suely (1990). *Uma ética do real*. Recuperado em 16 novembro, 2014 de

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/eticareal.pdf>

Spink, Mary Jane (2014). *O cotidiano como foco de pesquisa na Psicologia: o que mudou nesses 50 anos?* Recuperado em 12 junho, 2015 de

http://www.researchgate.net/publication/271763332_o_cotidiano_como_foco_de_pesquisa_na_psicologia_o_que_mudou_neidasses_50_anos

Stengers, Isabelle (2008/2015). *No tempo das catástrofes*. (Eloisa Araújo Ribeiro, trad.). São Paulo: Cosac Nayf.

Video Disorder. (2011, 21 de agosto). Cocaine Rat - Drug-Free America [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=7kS72J5Nlm8>



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons 4.0](#).

Usted es libre para Compartir —copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato— y Adaptar el documento —remezclar, transformar y crear a partir del material— para cualquier propósito, incluso comercialmente, siempre que cumpla la condición de:

Atribución: Usted debe reconocer el crédito de una obra de manera adecuada, proporcionar un enlace a la licencia, e indicar si se han realizado cambios . Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que tiene el apoyo del licenciante o lo recibe por el uso que hace.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)